



edição de setembro já disponível clique aqui

último comentário

“Indica me um nome de um aluno, em que nos...”

por machico2

“Se você está a ir abaixo, vá abaixo lutando”
RICHARD BRANSON, EMPRESÁRIO AO THE OBSERVER



Maioria das vítimas de traumatismo crânio encefálico fica reformada ou desempregada

Actualizado há 15 minutos

Fonte: Lusa



Seis em cada dez vítimas de traumatismo crânio encefálico grave estão desempregadas ou reformadas um ano após o acidente e 82% não têm acesso a terapias de reabilitação, revela um estudo que analisou o impacto desta doença.

O estudo “Impacto sociofamiliar do Traumatismo Crânio Encefálico (TCE)”, realizado pela Novamente

Etiquetas
estudo, País, Traumatismo crânio encefálico

Ferramentas

Share

Gosto 0

+1 0

+ a a -a

Atenção: Este site utiliza cookies. Ao navegar no site estará a consentir a sua utilização.

...a agência Lusa a investigadora e diretora da associação, Vera Bonvalot.

Achou este artigo interessante?

A recolha dos dados foi realizada quatro, oito e doze meses após o acidente e analisou 266 casos admitidos nos serviços de urgência hospitalares nos últimos três anos.

O estudo, que é hoje apresentado na Fundação Calouste Gulbenkian, refere que “o drama do traumatismo crânio encefálico grave tem impacto na vítima, na família, mas também na sociedade, adiantou Vera Bonvolt.

Cerca de 58% das vítimas (com idades entre os 18 e os 45 anos) trabalhavam ou estudavam antes de sofrer o traumatismo e após a lesão apenas 19% manteve a sua atividade.

Dos que voltaram a trabalhar, 75% desempenham a mesma função e trabalham as mesmas horas, 17% realizam menos horas e 8% mudaram de tipo de trabalho.

A diminuição da frequência dos tratamentos é outra conclusão do estudo, salientando que 72% das vítimas não têm acesso a terapias de reabilitação ao fim de oito meses e 82% após um ano.

Os mais...

lidos comentados etiquetados

- Crescimento de níveis de proteína dos músculos evita depressão induzida por stress
- Lobo Ibérico a aumentar em Portugal 8 comentários
- Problemas de saúde 4 comentários
- Confirmada vitória de Costa na Madeira 14 comentários
- Incêndios: Época mais crítica termina com menor número de fogos da última década



Faça a sua assinatura digital...

Outras relacionadas...



Choque frontal deixa jovem em estado grave
DIÁRIO 2014-07-18 | Motociclista fracturou os braços e sofreu traumatismo crânio-encefálico

Mãe e filho da Trofa entre os 3 mortos no acidente em Rali de Guimarães

07/09 19:30 | DESFE **Concordo** Quero saber mais



Capa: Sangue que cura
REVISTA MAIS | As potencialidades das células estaminais parecem crescer de dia para dia. Por essa razão há cada vez mais famílias a apostar na criopreservação do sangue do cordão umbilical

PUBLICIDADE

Conforama

sorteio

500€ a cada hora

Só no dia 18 de Setembro

*Consultar condições em loja

É um número “muito assustador”, porque as terapias de reabilitação são fundamentais para a recuperação das vítimas, explicou Vera Bonvalot.

O estudo acrescenta que esta situação, além de “comprometer seriamente” as melhorias físicas e neurológicas do doente, aumenta “a responsabilidade e trabalho dos cuidadores”.

Entre as razões apresentadas pelos inquiridos para esta dificuldade, encontram-se a falta de vagas, a demora da aprovação por parte das seguradoras e o elevado custo dos serviços privados.

Um aspeto relatado pelos cuidadores e vítimas como fator importante para a recuperação é o apoio que recebem da família e dos amigos, mas este vai diminuindo ao longo do tempo.

Segundo o estudo, 73% perderam o contacto da família e 93% dos amigos.

A doença também tem consequências nas vítimas, com 76% a apresentarem, ao fim de um ano, sinais de ansiedade e depressão e 71% de impulsividade, irritação, agressividade e perda de capacidade para lidar com as pessoas.

Os cuidadores têm um “grande peso na vida das vítimas e também sofrem”, disse a investigadora, adiantando que, um ano após o acidente, 62% não retomaram em pleno a atividade laboral, 67% tiveram impactos negativos na saúde e 77% sentem-se emocionalmente esgotados.

Muitas famílias não compreendem os comportamentos da vítima, o que resulta da “pouca informação que é transmitida à família que, além de se deparar com uma situação totalmente nova para si, não obtém qualquer informação que a ajude a compreender e a fazer face a esta realidade”, sublinha o estudo.

O estudo conclui que o percurso da vítima e dos cuidadores “é complexo e exige a compreensão e intervenção adequada por parte de todos os profissionais que intervêm diretamente com estes casos e uma entidade externa que possa defender e representar a família”.

Nos últimos 25 anos, mais de 275.000 pessoas terão sofrido um TCE grave em Portugal e vivem com sequelas.

As quedas são a causa mais frequente (59%), seguidas de acidentes de viação, de desporto e agressões.

Comentários

[Escrever comentário](#)

*Este espaço é destinado à construção de ideias e à expressão de opinião.
Pretende-se um fórum constructivo e de reflexão, não um cenário de ataques aos pensamentos contrários.*

Nome: *

O nome que será apresentado como autor do comentário.

Correio electrónico: *

O conteúdo deste campo é privado e não será exibido publicamente.

Comentar: *

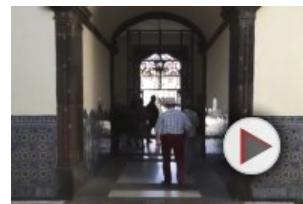
Aceito os termos descritos na página de [termos e condições de utilização](#).

Guardar

Multimédia

Vídeo

Foto-reportagem



10:11

Câmara abre portas à descoberta dos Paços do Município do Funchal

As visitas guiadas estão a decorrer de segunda a sexta-feira

[Outros vídeos »](#)



Espaço participação

Que análise faz à gestão do serviço de saúde na Região?



Volta a faltar medicamentos e há a denúncia que o SESARAM trata de forma desigual os doentes, sobretudo na oncologia. Que fazer?

8 comentários